

# Congada.



58 (91)  
743  
P

Cuide bem do folclore do seu país. Ele não tem cópia.  
instituto musical de são paulo i.m.s.p.  
rua glicério, 245

**XEROX**

64. 89

C O N G A D A

Congada, Congado ou Congos. Eis um folguedo de várias denominações entre as expressões folclóricas afro-brasileiras, em que se destacam, sobretudo, tradições históricas e costumes tribais de Angola e do Congo.

O escravo africano relacionou estas tradições com as danças de espada, que pertencem aos mais distintos grupamentos humanos. E fundiu traços culturais adquiridos no contato com o europeu, especialmente com o elemento ibérico, seja na ordem profana, seja na religiosa, lembrando o culto à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Mas, como afirma Câmara Cascudo, não há na África qualquer manifestação semelhante às Congadas, que é "trabalho da escravaria nacional com material negro."

Há indicações de que a Congada, Congado ou Congos procede das festas brasileiras de coroação do Rei do Congo. Esse título, de um reinado ilusório, foi instituído na África no século XV, pelos portugueses. E favorecia mais ao senhor branco que ao coroadado e seus súditos, já que era um instrumento para dominar a rebeldia e a insatisfação dos escravos, em troca de algumas regalias.

As autoridades, mais interessadas em aquietar e disciplinar os escravos, prestigiavam a solenidade, enquanto os negros se rejubilavam vendo seu rei coroadado. Às vezes, a festa alcançava verdadeiro esplendor, com jóias e trajas riquíssimos, cedidos pelos amos.

Reuniam-se os escravos, e mesmo os mestiços e alforriados, para buscar o rei e a rainha, e acompanhá-los em procissão até a Igreja. Lá, o régio casal era coroado pelo vigário. Durante o trajeto, o cortejo executava bailados, jogos de agilidade e simulação guerreira, choque de armas brancas, danças de espada.

A primeira referência ao Congado no Brasil foi encontrada na documentação da Igreja do Rosário em Recife, Pernambuco, onde em 1674 houve eleição de rei e rainha, juizes e oficiais, que iam servir à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

O folgado geralmente está inserido no contexto das festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, Sant'Ana, São João, São Sebastião, Divino Espírito Santo, podendo eventualmente homenagear outros santos. Mas seus padroeiros são Senhora do Rosário e São Benedito.

A Congada, Congado ou Congos, pode se apresentar nas seguintes formas:

- com embaixadas diplomáticas
- como cortejo

1. A Congada com embaixadas diplomáticas, possuindo um entrecho dramático, divide-se em dois enredos:
  - a) Dois grupos que se desentendem por algum motivo e, após breves escaramuças, se reconciliam.

Esses grupos podem representar africanos, como

é a Congada de cidade da Lapa, Parará, ou como o Ticumbi, do Espírito Santo, uma variação da Congada.

Em Iguape, São Paulo, os nomes dos personagens do folgado são tidos como de procedência angolosa-congolesa, e a Rainha Ginga é representada por um Embaixador.

Reminiscências da Rainha Ginga e sua gente são quase uma constante nesses grupos de acentuados traços africanos.

Os Congos da cidade de Goiãs, em Goiãs, registrados por Mára Públio de Souza Veiga Jardim e Niomar de Souza Pereira (ver referências bibliográficas), apresentam uma variante, pois não têm referência à Rainha Ginga. O Rei do Congo, ao saber da entrada de invasores em seu território, envia seu Secretário com o intuito de descobrir quem são. O Secretário, após alguns desentendimentos com o Embaixador inimigo, fica sabendo que a missão é de paz, e que o Embaixador está encarregado de entregar uma carta para o Rei do Congo, enviada por sua prima, Dom Manuela, Rei-Soberana. Após ser reconhecido como amigo, é nomeado "Duque e Mirante-Mor."

O trecho da embaixada, onde o Rei toma conhecimento da presença de estranhos em seu reino, é o seguinte:

Príncipe: "Sinhô, meu Rei, de Mumbique e Monbaça, pelo arrebôlo, onde está tão descansado que não manda esse capiáu mundungo vê que gente são essa, que entra por esse reino a dentro, com tanta buia e matinata, sem respeitã essa reã coroa?"

Rei: "Ô, Secretário! Aonde está tão descansado que não ouve o meu reã chamado?"

Secretário: "Pronto para vosso reã chamado!"

Rei: "Secretário, vai vê que gente são essa, que entra por esse reino a dentro, com tanta buia e matinada, sem respeitã essa reã coroa. Se fô gente de paz, faz paz. Se fô gente de guerra, faz guerra. Se fô gente de fundo, arrebôlo, traga a orêia desses demônio na ponta do seu cafuz. Vai Secretário!"

Quando o Embaixador se avista com o Rei do Congo, apresenta sua embaixada:

Embaixador: "Sinhô, meu Rei, de Mumbica e Monbaça, pelo arrebôlo, licença peço eu prá falã com Vossa Reã Majestade, que sou ilustre Embaixadô que venho de Angola. Lá vi sua

prima Manuela. Aproveitando minha viagem, manda entregã esta bestage."

Rei: "Ofiço da minha prima, Dom Manuela, Rei-Soberana. Príncipe, mia fia?"

Príncipe: "Rei, Pai, Sinhô!"

Rei: "Cadê os encangaio de branco por nos focinho prá enxergã o caminho?"

Príncipe: "Aqui do lado."

(O Rei põe os óculos para ler a carta)

- b) O outro entrecho da Congada com embaixadas-diplomáticas é a luta de "Carlos Magno e os Doze Pares de França." Seria a descrição das lutas dos cristãos na tentativa de expulsar os mouros da Península Ibérica.

O Rei do Congo figura como Carlos Magno e os personagens do folguedo são, entre outros, Roldão, Almirante Balão, Ricarte de Normândia, Guide Borgonha.

A Congada de São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, registrada por Beatriz Coutinho, tem, inclusive, o texto das embaixadas tirado do livro "História de Carlos Magno e os Doze Pares de França."

Ainda em Minas Gerais, as cidades de Alfenas, Lambari, Varginha etc. e, em São Paulo, Aparecida, Atibaia, Lindóia etc. - têm os mouros e cristãos como tema do folguedo.

2. A Congada como cortejo não tem embaixadas. Só a parte cantada e instrumental, como é a de Altinópolis, em São Paulo, onde os participantes se vestem de branco e enfeitam os instrumentos com grande quantidade de tiras de papel crepon branco.

O folguedo é conhecido pelos nomes de Congada, Congado, Congos, Terno do Congo, Bataião do Congo, ou pela cor da indumentária ou do lugar de origem, como por exemplo: Terno Verde, Bataião dos Marinheiros. Ou pode ainda receber os nomes dos Santos padroeiros: Terno de São Benedito, Congada de Nossa Senhora do Rosário.

A indumentária mais comum dos participantes do folguedo compreende blusão, calça branca, tênis ou alpargata, chapéu de palha enfeitado com fitas coloridas. Os reis têm uma capa às costas e coroa de lata ou papelão na cabeça. As cores preferidas se encontram no blusão, na fita do chapéu, ou no galão da calça. Podem usar também calça e camisa de cetim, com uma capa que pode ser bordada ou enfeitada com papéis recortados brilhantes. Pode se apresentar também com o Rei do Congo e seu seqüito vestidos de azul, e os adversários e instrumentistas, de vermelho.

As Congadas podem compreender duas partes: desfile e embaixada. Para o desfile, cantado e dançado, usa-se a formação de fileiras de dançadores. Na frente vão os personagens que levam espadas e os mestres violeiros, quando os há, e, a seguir, os demais instrumentistas, outros dançadores e crianças que às vezes podem aparecer.

As Congadas de embaixadas consistem em partes faladas, intercaladas com partes cantadas, corais. Para representá-las ficam separados, de um lado, o Rei Congo e seus subordinados; de outro, seus adversários e o Embaixador. Os demais componentes, que às vezes podem se chamar "guias" e "contra-guias" agrupam-se ou enfileiram-se ao redor de um ou de outro.

A Congada possui música vocal e instrumental. Os instrumentos podem variar, mas em geral são: viola de 10 cordas, violão, cavaquinho, rabeca, caixas e bumbos, reco-reco, chocalho, pandeiro, marimba (a "marimba de guerra" é uma cabaça recortada, que se toca raspando uma vareta), sanfona, apitos etc.

Algumas músicas podem ser encontradas em várias Congadas, com pequenas variações ou em outras manifestações folclóricas. Na Congada de Mogi das Cruzes, São Paulo, tema recolhido por Mário de Andrade:

"E todas moça  
Saem na janela  
Para ver o Congo  
Que já vai prá guerra."

Nos Congos de Cuiabá, Mato Grosso:

"Chega tudo branco  
Chega na janela  
Venha ver os Congos  
Que vai para a guerra."

Nos Congos da cidade de Goiás, Goiás:

"Moça goiana  
Chega na janela  
Venha ver os congos  
Que é vai pra guerra."

Também na Marujada de Montes Claros, Minas Gerais:

"Moça mineira  
Chega na janela  
Venha ver marujo  
Que lá vai pra guerra."

Nas Taieiras de Laranjeiras, Sergipe:

"Oh, moça baiana  
Chegue na janela  
Venha vê a maruja, amor  
Quando vão pra guerra."

As Congadas existem por todo o Brasil, predominantemente em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e alguns estados do Nordeste, com variações como o Ticumbi, do Espírito Santo. Têm a mesma origem da festa de coroação de reis negros, como o Maracatu, o Moçambique, o Quicumbi.

A Congada é um folguedo de tradição afro-brasileira, onde traços culturais do grupo Bantu (angolezes e congoleses) aparecem como maior contribuição, com seus reis e invisíveis rainhas, embaixadas, costumes tribais e danças de espada - estas, de grande incidência na Europa. Posteriormente, por influência maior das Cavalhadas, Chegança e Marujada, o folguedo aproximou-se do brinquedo de mouros e cristãos, tema de um sem número de nossas manifestações folclóricas.

Este trabalho foi realizado pela Professora Mára Públio de Souza Veiga Jardim.

- Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo do Morumbi, São Paulo.
- Formada pela Escola de Folclore do Museu do Folclore de São Paulo.
- Professora da Escola de Folclore do Museu do Folclore de São Paulo.
- Sócia efetiva da Associação Brasileira de Folclore.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. São Paulo, Martins, 1966. 34.
2. CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 3.ed. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972, 2v.
3. COUTINHO, Beatriz. Palestra sobre trabalho inédito, Escola de Folclore, São Paulo, 1976.
4. DANTAS, Beatriz Góis. A Taleira de Sergipe; uma dança folclórica. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972.
5. JARDIM, Mára Públio de Souza Veiga & PEREIRA, Niomar de Souza. Uma festa religiosa brasileira. Trabalho inédito, São Paulo, 1975.
6. LIMA, Rossini Tavares de. Abecê do folclore. 5.ed. São Paulo, Ricordi, 1972.
7. LIMA, Rossini Tavares de. Folguedos Populares do Brasil. São Paulo, Ricordi, 1962.
8. MENDONÇA, Rubens de. Roteiro histórico & sentimental da Villa do Bom Jesus de Cuyabã. 2.ed. Pref. de Luis da Câmara Cascudo. São Paulo, Graf. Mercúrio, 1954.
9. PAULA, Hermes de. Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes. Rio de Janeiro, 1971.